



**UNIVERSIDADE DE MNAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FaE-UEMG**

REVISTA FEMININA 1914-1930: a imprensa como espaço formativo

Belo Horizonte/MG

2023



Bolsista/estudante: Rayane Silva Guedes

Orientadora: Daniela Oliveira R. dos Passos

REVISTA FEMININA 1914-1930: a imprensa como espaço formativo

Relatório apresentado à 7ª FEMIC - Feira Mineira de Iniciação Científica; como parte do projeto Mulheres, Educação e Trabalho: uma análise da revista feminina 1914-1930; financiado pela FAPEMIG - Edital 009/2022 - Fortalecimento e consolidação da pesquisa na UEMG e UNIMONTES

Belo Horizonte/MG

2023



RESUMO

O presente projeto teve por objetivo pesquisar a relação entre as mulheres, a educação e a imprensa como espaço formativo tendo por base a formação escolarizada (e não escolarizada) das mulheres trabalhadoras através da *Revista Feminina* (1914-1930). O recorte cronológico objetivou pensar a inserção da mulher no espaço público durante a Primeira República no Brasil. No que se refere à metodologia a proposta se articulou em duas partes: a primeira, empírica e a segunda, analítica. A parte empírica consistiu na consulta, na transcrição das fontes documentais e na coleta de dados. Na segunda parte o trabalho foi de sistematização e análise dos dados, bem como de redação e do relatório de atividades. Por fim, acreditamos, que esse estudo pode contribuir para um diálogo estimulante entre a História da Educação, a História Cultural e a História Social, focalizando a educação feminina no contexto da Primeira República.

Palavras-chave: Mulheres, Educação, Revista Feminina.



1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia contar a História das Mulheres soa como algo evidente, pois uma história “sem mulheres” parece algo impossível. Porém, até meados do século XX, isso não existia. A escrita da História tem sido um privilégio dos homens. Foram os homens que decidiram quais áreas do passado deveriam ser registradas, quais tipos de histórias valiam a pena investigar, ou quais indivíduos mereciam a atenção dos pesquisadores. As mulheres tiveram pouca ou nenhuma participação nesse processo. Felizmente, como dito, isso vem mudando, não de forma gratuita ou fácil, mas tem sido uma conquista pautada nas lutas dos movimentos sociais ao longo do século XX. Além disso, desde a década de 1960, tem ocorrido mudanças metodológicas no campo da historiografia através do surgimento de novas correntes de pensamento. Os movimentos operários, ideológicos e de luta pelos direitos civis, tinham como parte significativa de seus integrantes as mulheres, que por vezes ocupavam posição de liderança.

O advento da História das Mulheres deu-se na Grã-Bretanha e os EUA nos anos de 1960 e França uma década depois. Diferentes fatores imbricados – científicos, sociológicos, políticos – ocorreram para a emergência do objeto “mulher”, nas ciências humanas em geral e na História em particular (PERROT, 2017, p.19).

Escrever uma história das mulheres é muito complexo, porque o fenômeno do feminismo é algo que desperta opiniões apaixonadas e militâncias por vezes extremas. Desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX o movimento foi muito particular, pois desafiou a ordem conservadora que excluía as mulheres do mundo público e que propunha também ações revolucionárias partindo das mulheres (PINTO, 2003).

Um outro ponto que também dificulta escrever e pesquisar sobre o movimento feminista é porque ele é amplo, diverso e ao mesmo tempo fragmentado, com múltiplas manifestações. Reconstruir essa história tão fragmentada, que vai de grandes manifestações públicas à reuniões privadas em casas de intelectuais, não é algo fácil.

Desde os primórdios da Revolução Francesa (1789), é possível identificar mulheres que de forma mais ou menos organizada lutaram por seu direito à cidadania, a uma existência legal fora de casa, único lugar em que tinham algum tipo de reconhecimento como esposas e mães. Fora dos limites da casa restavam-lhes a vida religiosa ou a acusação de bruxaria. Na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX as lutas e manifestações esparsas cederam lugar a uma campanha mais orgânica pelos direitos políticos de votarem e serem votadas. O movimento sufragista se espalhou



pela Europa e Estados Unidos, construindo a primeira vaga de feminismo organizado no mundo (PINTO, 2003, p.13).

No Brasil, não foi diferente. A primeira fase do movimento das mulheres teve como foco a luta pelos direitos políticos sendo conquistado no ano de 1932 e tendo como principal nome de liderança Bertha Lutz¹. Mesmo assim, é possível identificar diferentes vertentes do movimento no início do século XX entre eles as manifestações da imprensa feminina alternativa – apresentando como pauta, além dos direitos políticos, a educação feminina e a presença das mulheres no mundo público – e o movimento das trabalhadoras que lutavam pelo fim da dominação de forma ampla e tinha como ideologias o anarquismo e o comunismo (PINTO, 2003).

Além disso, para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, defeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígio. A gramática é masculina (se mistura os gêneros, temos *eles*). As estatísticas são assexuadas (a sexuação das estatísticas é recente, tendo sido demandada por pesquisadoras do trabalho feminista). Pelo casamento as mulheres perdiam os sobrenomes, o que dificulta reconhecer linhagens femininas. Todos esses fatores ocorrem para a destruição da memória feminina (PERROT, 2017).

Assim, O presente projeto teve por objetivo pesquisar a relação entre as mulheres, a educação e a imprensa como espaço formativo tendo por base a formação escolarizada (e não escolarizada) das mulheres trabalhadoras através da *Revista Feminina* (1914-1930). O recorte cronológico objetivou pensar a inserção da mulher no espaço público durante a Primeira República no Brasil. No que se refere à metodologia a proposta se articulou em duas partes: a primeira, empírica e a segunda, analítica. A parte empírica consistiu na consulta, na transcrição das fontes documentais e na coleta de dados. Na segunda parte o trabalho foi de sistematização e análise dos dados, bem como de redação e do relatório de atividades. Por fim, acreditamos,

¹ Bióloga por formação, Bertha, também foi um ativista política para o reconhecimento da mulher na esfera pública cidadã. Seu interesse no feminismo teve início durante o período que passou estudando na Europa, quando teve contato com o movimento sufragista que ocorria por lá. Em 1919, criou no Brasil a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que mais tarde se tornaria a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderando a campanha sufragista no país. Em 1932, por decreto de Getúlio Vargas, foi alcançado o estabelecimento do direito ao voto feminino no Brasil. Bertha Lutz investiu em sua vida política e em 1936 assumiu posição de deputada federal, cargo no qual executou propostas de mudança na legislação referente ao trabalho da mulher, visando, dentre outros direitos, a igualdade salarial, participação em questões públicas e a licença maternidade. Ver: LÔBO, 2010



que esse estudo pode contribuir para um diálogo estimulante entre a História da Educação, a História Cultural e a História Social do trabalho, focalizando a educação feminina no contexto da Primeira República.

2 JUSTIFICATIVA

Os diálogos entre a História da Educação e a História Cultural possibilitam desvelar aspectos diversos das práticas educacionais fora da escola e da escolarização, revitalizando, dessa forma, as abordagens em História da Educação. A partir dessa perspectiva, buscamos compreender as interfaces existentes entre as dinâmicas sociais, culturais, políticas e educacionais, que marcaram a relação entre as mulheres, a educação e a imprensa como espaço formativo tendo por base a formação escolarizada (e não escolarizada) das mulheres trabalhadoras através da *Revista Feminina* (1914-1930).

Nesse sentido, recorreremos às palavras de Thaís Nívia de Lima e Fonseca sobre as novas abordagens relacionadas à História da Educação:

As possibilidades, portanto, de se pensar a História da Educação à luz da micro-história estão ligadas a essa mudança de foco, de direcionamento da investigação. Seria, por exemplo, o passar das instituições para os indivíduos, das políticas governamentais ou do pensamento pedagógico para as práticas cotidianas passíveis de serem interpretadas à “luz de uma história geral”, e também extravasar o mundo da escola, para o enfrentamento de outras dimensões dos processos e das práticas educativas, nas quais pudessem estar envolvidas essas comunidades e/ou indivíduos periféricos (FONSECA, 2008, p.67).

Sobre a *Revista Feminina*, esse periódico, era de propriedade da Empresa Feminina Brasileira, que fabricava e comercializava produtos destinados às mulheres. Discutindo temas como "papel da esposa", "educação das crianças" ou "identidade feminina", dispõe-se a tratar de questões relativas ao papel social da mulher, ora preocupando-se com a questão do voto feminino e possibilidade de trabalho fora do lar em profissões como magistério, medicina e jornalismo, ora discutindo as obrigações da mulher de esposa e mãe perfeitas. Como diretora-proprietária destaca-se o nome Virginia de Souza Salles 1914-1919 e posteriormente de Avelina de Souza 1919-1926.

De acordo com Dulcília Buitoni, o periódico teria sido a primeira grande revista feminina brasileira.

O nome não podia ser outro: Revista Feminina, fundada por uma mulher,



Virgilina de Souza Salles, de tradicional família paulista. Surgiu em julho de 1914, e circulou durante 22 anos, até 1936. Essa publicação foi o exemplo mais perfeito da vinculação imprensa/ indústria/ publicidade, pois deve sua existência a uma bem-montada sustentação comercial, hoje ingênua, mas muito eficaz na época. (BUITONI, 1986, p. 43).

Os exemplares que circularam entre as décadas de 1910 e 1930 são, ao mesmo tempo, fonte e objeto de análise e, em conjunto, demonstram que a revista teve um importante papel na formação de um espaço público e literário relacionado às lutas femininas. As reivindicações pelo direito ao trabalho, ao voto e à instrução eram bandeiras defendidas pelas mulheres desde os anos 1870, adquirindo maior visibilidade a partir da primeira década republicana. Portanto, a Revista Feminina, no início do século XX, ampliava o alcance dessas demandas sociais, ao mesmo tempo em que fortalecia o movimento feminista e de gênero no Brasil desse período (MANCILHA, 2012).

No que refere a educação, já no final do século XIX, muitos intelectuais acreditavam que somente por meio do processo educacional o Brasil se constituiria em uma grande nação, dentro dos moldes europeus. Assim, fazia-se necessário que se educassem as mulheres para que essas educassem seus filhos, futuros cidadãos de uma sociedade civilizada e ordeira. Com a chegada do século XX e também com as novas oportunidades que se abriam as parcelas femininas, muitas mulheres transformaram a educação na bandeira de luta pelos seus direitos sociais e políticos, pois, somente aquela que fosse devidamente educada poderia ter a consciência da sua situação degradante e da sua capacidade em lutar pela sua emancipação (MANCILHA, 2012.).

A defesa de uma educação feminina foi, portanto, um dos objetivos arduamente perseguidos pelas mulheres letradas daquele período. Na *Revista Feminina*, não foi tampouco diferente; muitas das colaboradoras desse periódico insistiam na necessidade de uma educação adequadas e emancipatória a todas as mulheres brasileiras, e ainda criticavam a educação fútil e deformada, que por muito tempo foi oferecida. (MANCILHA, 2012 p.65).

Destarte, a preocupação das elites governantes em educar/formar o trabalhador cidadão não se limitava ao “universo” do labor masculino. Pelo contrário, estendia-se ao universo feminino impingindo às mulheres uma dupla responsabilidade nesse processo: como trabalhadoras/cidadãs e como mães responsáveis pela educação dos futuros cidadãos republicanos (TILLY, 1994). Assim, voltar os olhares para as mulheres trabalhadoras abre um novo espaço para a compreensão do processo de formação do operário cidadão, tão precioso a



uma República que almejava conformar a sua população laboriosa para a “ordem e o progresso”²

Vale ressaltar que a mulher pobre vivia o dilema em regular o parco salário do seu companheiro para suprir as necessidades domésticas ou escapar a miséria, através do seu próprio salário e ser arriscar a sofrer o pejo de “mulher pública”.

A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. Longe de retratar a realidade, tratava-se de um estereótipo calcado nos valores da elite colonial, e muitas vezes espelhado nos relatos de viajantes europeus, que servia como instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres. Basta aproximar-se da realidade de outrora para constatar que as mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa. (FONSECA, 2017, p.517).

Assim, a partir da análise dos artigos produzidos pela Revista Feminina, essa pesquisa investigou como essa publicação pode ter sido um importante canal de expressão que propunha contemplar as vozes femininas, no caso do projeto em questão, a relação entre as mulheres, a educação e a imprensa como espaço formativo.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

O presente projeto teve por objetivo pesquisar a relação entre as mulheres, a educação e a imprensa como espaço formativo tendo por base a formação escolarizada (e não escolarizada) das mulheres trabalhadoras através da *Revista Feminina* (1914-1930).

3.2 Objetivos específicos

- Compreender as “relações educativas” estabelecidas fora dos limites dos muros escolares, reveladas, por exemplo, nas legislações relacionadas ao trabalho, ao controle da vadiagem e ao controle do corpo e da moral feminino.

² Os debates sobre a formação de um mercado de mão de obra livre, no Brasil, iniciaram-se muito antes da inauguração do Regime Republicano, em 1889. Já nas primeiras décadas do século XIX as leis de locação de serviço, assim como, as leis posteriores relacionadas à escravidão, já indicavam a preocupação das elites dirigentes em estabelecer o controle e a fixação da mão de obra e da criação de um *ethos* de valorização do trabalho. O fim eminente da instituição escravista tornava urgente o estabelecimento de novas formas de controle sobre os trabalhadores, principalmente sobre os libertos, que prescindissem da violência física como recurso de persuasão ao trabalho. Ver: CASSOLI, 2015



- Entender o processo de formação da História das mulheres e suas lutas cotidianas.
- Identificar, nos artigos da Revista Feminina, a relação entre mundos do trabalho feminino e a educação.

4. METODOLOGIA

4.1 Revisão de literatura

A revisão de literatura foi realizada a partir dos sites Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), periódicos CAPES, Biblioteca da UNESP e a busca integrada da USP. Como forma de busca utilizou-se dos descritores revista feminina, imprensa feminina, periódico feminino, a fim de localizar as obras. Após a primeira investigação, foram selecionados trabalhos que compreendessem o período da pesquisa de 1914-1930, que dialogassem com a temática da imprensa feminina, História das mulheres, movimentos trabalhistas e História da educação, mesmo que não diretamente abordassem a Revista Feminina. Já que compreendemos a relevância da análise das demais pesquisas que se empenham em discutir a escrita feminina desse período e poderiam contribuir, inclusive, do ponto de vista metodológico.

A partir deste levantamento é possível observar uma crescente de investigações nos últimos 10 anos.

Tabela 1 - Revisão de literatura

A MULHER E A IMPRENSA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA FOLHA DA NOITE DE 1921 ATÉ 1925	TCC	2017	CAMILA PADILHA TRINDADE
A PRODUÇÃO LITERÁRIA NA REVISTA FEMININA (1915-1936)	Artigo	2013	Juliana Cristina Bonilha
A Revista Feminina e a moda em tempos de guerra (1914-1918)	Artigo	2020	Sílvia Maria Azevedo
A REVISTA FEMININA NA PRIMEIRA REPÚBLICA: HISTÓRIA, TRABALHO, EDUCAÇÃO E FEMINISMO	Dissertação	2022	GIOVANNA NARDINI



AGULHA, NOVELO, TECIDO E MUITO MAIS: LIÇÕES DE ECONOMIA DOMÉSTICA NA REVISTA FEMININA (SÃO PAULO, 1915-1918)	Dissertação	2020	AMANDA DE LIMA DEALMEIDA
AS PROPAGANDAS DA REVISTA FEMININA(1914-1936): A INVENÇÃO DO MITO DA BELEZA	Artigo	2014	Ana Carolina Eiras Coelho Soares; Neide Célia Ferreira Barros
Bonecas da moda Um estudo sobre o corpo através da moda e da beleza Revista Feminina 1915 - 1936	Dissertação	2008	Gisele Bischoff Gellacic
Centenário da Revista Feminina (1915-1936): reflexões sobre seu percurso	Artigo	2016	Juliana Cristina Bonilha
Cultura Impressa e Educação da Mulher Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832)	Tese	2008	Mônica Yumi Jinzenji
DO CESTO DE COSTURAS À MÍDIA IMPRESSA Análise da participação de mulheres na imprensa feminina paulistana Revista Feminina (1914/1936)”	Anais de Congresso	2003	Bárbara Heller
EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO FEMININO NO SÉCULO XIX: UM ESTUDO DAS REINVIDICAÇÕES FEMININAS A PARTIR DOS PERIÓDICOS ECHO DAS DAMAS E A MÃE DE FAMÍLIA	TCC	2018	ALEXANDRE FARIA DACUNHA
ENTRE A MULHER IDEAL E A MULHER MODERNA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA IMPRENSA MINEIRA - 1873-1932.	Dissertação	2006	KELLY CRISTINA NASCIMENTO
ESCRÍNIO, ANDRADINA DE OLIVEIRA ESOCIEDADE(S): ENTRELAÇOS DE UM LEGADO FEMINISTA	Tese	2015	Rosa Cristina Hood Gautério



Estylo Chic a Preços Módcicos? Gostos e públicos daloja Mappin Stores em São Paulo, 1913-1920.	Dissertação	2018	Nathália Theophilo Lobato
Eu Sei Tudo: a revista feminina e a construção damulher ideal no início do século XX.	Anais de Encontro	2015	ALIBIO, Nádía (autora)STRELOW, Aline (orientadora)
FEMINISMO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: AINVENÇÃO DAS MULHERES NAS REVISTAS “FEMININAS”	Artigo	2001	Tania Navarro SWAIN
Histórias debaixo dos panos: descobrimdo a linguagem da moda - estudo sobre as mulheres daselites e classes médias paulistanas (1913-1929)	Artigo	2002	Maria Claudia Bonadio
Idealizações de mulheres, modelos de educação - imagens flutuantes: mulher e educação (São Paulo, 1910/30)	Artigo	1994	Maria Cândida Delgado Reis
IMPrensa FEMININA, REVISTA FEMININA. A IMPrensa FEMININA NO BRASIL	Artigo	2007	Sandra Lúcia Lopes Lima
Jardim Fechado" - A voz e a vez das leitoras daRevista Feminina	IV Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición	2002	Barbara Heller
Leituras de Grande Hotel: os modos de apropriação de um impresso de larga circulação e a formação de leitores (Minas Gerais, 1947-1961)	Artigo	2021	Juliana Ferreira de Melo
Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista Fon- Fon (1907-1914)	Dissertação	2010	FABIANA FRANCISCA MACENA
Moda! Um perigo para as boas moças. Estudo sobre aimagem feminina (1900-1930)	Monografia	1996	Maria Claudia Bonadio
O menu de meu marido”: narrativas visuais, história e	Artigo	2014	Ana Carolina Eiras CoelhoSoares



práticas de gênero na revista feminina (1914-1936)			
O UNIVERSO DAS MULHERES NA REVISTA A VIDA MODERNA (SÃO PAULO - 1907-1926): UMA ANÁLISE DA TEMÁTICA FEMINISTA	Artigo	2021	Gabriel Monteiro de SOUZAe Raquel Discini CAMPOS
Professoras e rainhas do lar: o protagonismo femininona imprensa periódica (1902-1940)	Artigo	2017	Jamily Nicácio NicoleteJane Soares de Almeida
RENOVAR-SE OU MORRER: PRESENÇA FEMININA NA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA EMSÃO PAULO NA PRIMEIRA REPÚBLICA	Monografia	2016	BEATRIZ RODRIGUES SILVÉRIO
Revista feminina (1915-1936): Tensão entre tradição e modernidade	Tese	2013	Juliana Cristina Bonilha
Revista Feminina e a Cultura de Narciso: Anotações Sobre a Construção do Corpo	Artigo	2008	Cabral, Amanda Rosas; Vandresen, Monique.
REVISTA SENHORITA: ACESSÓRIO DACESTINHA DE COSTURA?	Artigo	2019	Cynthia Greive Veiga
Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação: a revista Grande Hotel e seus (supostos)leitores (Minas Gerais, 1947-1961)	Tese	2013	Juliana Ferreira de Melo
VOZES FEMININAS: UM ESTUDO SOBRE A REVISTA FEMININA E A LUTA PELO DIREITOAO VOTO, AO TRABALHO E À INSTRUÇÃO.	Dissertação	2012	Virgínia Maria Netto Mancilha

Fonte: elaborado pelas próprias autoras.

4.2 Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento da pesquisa nos aprofundamos na perspectiva da História Social do Trabalho e na História Cultural, a fim de que fosse possível investigar o objeto de estudo



compreendendo o contexto social e de produção cultural do período, evitando os anacronismos. De tal forma que, nos empenhamos na pesquisa qualitativa, com os recursos da análise do discurso. Sendo que, em um primeiro momento foi realizada a consulta, a transcrição das fontes documentais e a coleta de dados. Posteriormente, nós sintetizamos e analisamos os dados. Os quadros que se seguem contribuíram para que pudéssemos nos ater nos aspectos históricos da fonte, já que os elementos dos textos possuem intencionalidades, “[...] relações de poder, cujo objetivo é persuadir, convencer, fabricar efeitos de verdade, tendo em vista o espaço de recepção que imagina para o seu texto em determinado período e em determinadas condições de produção.” (GALVÃO; MELO, 2019, p.235).

Quadro 1 - Quadro analítico 1

Perguntas
Como o/a autor/a consegue convencer o/a leitor/a de que aquilo que está dizendo é verossímil?
Que argumentos utiliza nesse trabalho de persuasão?
A que vocabulário e sintaxe recorre?
Que associações realiza para sutilmente, fazer o/a leitor/a criar imagens acerca da mulher, que de preferência, coincidam as suas próprias?
Que marcas tipográficas – usos de negrito, itálico, tipos e tamanhos de letras, cores – são escolhidas para produzir determinados sentidos?
Que efeitos de “verdades” se pretendia produzir? Em quem?Por quem?Para quê?
Quem é o/a autor/a – pessoal e institucional – da obra analisada?
Qual o lugar da tipografia/editora/gráfica que publicou naquele momento histórico?
Onde o impresso circulou?

GALVÃO; MELO (2019, p. 233-234).



Quadro 2 - Quadro analítico 2

Perguntas
Sobre o/a autor/a – quem escreve?
Sobre motivos e intencionalidades – por que escreve?
Sobre finalidades – para que escreve?
Sobre o/a leitor/a – para quem escreve?
Sobre a linguagem: formal, informal, qual gênero textual – como é escrito?
Sobre espaços, editoras – onde é produzido?
Quando? Em que período é escrito?
Houve intervenções editoriais? Com qual intencionalidade?

GALVÃO; MELO (2019, p. 235).

5. RESULTADOS OBTIDOS

Considerando os quadros de análise da fonte, apresentados nos procedimentos metodológicos, optamos por apresentar as informações de conjunto que foram localizadas e nos auxiliaram a compreender a produção da Revista. Em relação ao quadro 2, iniciamos a investigação sobre a **autoria** da revista com uma questão de impacto, a maioria dos editoriais era escrito por Ana Rita Malheiros, entretanto de acordo com Sandra Lima (2007), Anna Rita Malheiros era pseudônimo de Cláudio de Souza, irmão de Virgilina, fundadora da revista, tal como foi identificado nas declarações de Avelina, filha da criadora da revista. Como explicitado pela pesquisadora, esse fato é contraditório do ponto de vista do discurso da Revista, que afirmava ser “escrita por mulheres e para mulheres”.

No que se refere aos **motivos e intencionalidades**, particularmente, levando em consideração o contexto político e econômico daquele período, é importante notar que o ideal da República promovia a necessidade de uma nova abordagem educacional para as mulheres. Esperava-se que as mulheres desempenhassem um papel colaborativo na formação e modernização da nação, como foi enfatizado por Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza) no editorial de novembro de 1915 na Revista Feminina, onde ela afirmou: "Na hora crítica que



nossa democracia enfrenta, as mulheres são convocadas com urgência para contribuir na reconstrução da nação e na sua moral." (n.18, 1915, p.5).

Sobre finalidades – para que escreve? A Revista Feminina se revela como um veículo de extrema importância não apenas para debater questões relacionadas ao feminismo e à luta pelo direito ao voto no Brasil, mas também para disseminar essas discussões em âmbito internacional, incentivando as leitoras a se envolverem nessa causa. Virginia Mancilha (2012) argumenta que até mesmo os editoriais escritos por Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza) desempenharam um papel significativo na defesa desses direitos e na denúncia das violências que as mulheres enfrentavam. Segundo a pesquisadora, embora a revista tenha uma inclinação mais elitista e esteja mais alinhada ao "feminismo moderado" representado por Bertha Lutz do que às feministas anarquistas, ela desempenhou um papel importante na promoção dessas causas.

A pesquisa de Virginia Mancilha demonstra como Bertha Lutz utilizou a imprensa, incluindo a Revista Feminina, como uma ferramenta para apresentar a importância da luta pelo sufrágio feminino e para disseminar informações sobre congressos, propostas legislativas e movimentos relacionados a essas questões. Assim, a revista desempenhou um papel significativo na educação e mobilização das mulheres, mesmo que suas abordagens fossem mais moderadas em comparação com outros movimentos feministas da época.

Sobre o/a leitor/a – para quem escreve? As leitoras da Revista Feminina desempenharam um papel fundamental na produção da publicação. Em primeiro lugar, seu engajamento na assinatura da revista foi crucial para o grande alcance do periódico. Inicialmente, as primeiras edições eram distribuídas gratuitamente, mas mais tarde, a revista contou com as chamadas "Embaixatrizes" para espalhar sua circulação. Essas mulheres desempenhavam um papel importante na promoção e disseminação da revista entre o público feminino.

Além disso, a seção "Jardim Fechado" proporcionou um espaço significativo para o envolvimento das leitoras. Neste espaço, elas podiam escrever sob pseudônimos, contribuindo com contos, poesias e notas. Essa participação ativa permitiu que as leitoras compartilhassem suas próprias vozes e perspectivas na revista, tornando-a mais inclusiva e relevante para a comunidade feminina da época. Isso também fortaleceu o senso de comunidade entre as leitoras e aumentou o interesse pela revista, tornando-a verdadeiramente interativa e envolvente.



Sobre a linguagem: formal, informal, qual gênero textual – como é escrito? A Revista contava com gêneros diversos, contos, poesias, propagandas, cartas.

Sobre espaços, editoras – onde é produzido? É interessante notar que a Revista Feminina era de propriedade da Empresa Feminina Brasileira, uma empresa que se dedicava à fabricação e comercialização de produtos voltados para o público feminino. Essa conexão entre a revista e a empresa reflete a abordagem de negócios que visava atender às necessidades e interesses das mulheres da elite da época.

Quando? Em que período é escrito? A Revista Feminina (1914-1930) desempenhou um papel de destaque como o principal periódico voltado para o público feminino durante esse período. Foi concebida em 1914 por Virginia de Souza Salles, uma mulher pertencente à elite de São Paulo, inicialmente sob o título de "A Luta Moderna". Este periódico foi notável por ser direcionado a mulheres e também escrito exclusivamente por mulheres. Ao longo de suas edições, a revista adotou uma estrutura organizacional que se concentrava principalmente em várias seções, incluindo "Menu do Marido", "Moda" (até 1926) e "Modas e Elegância" (a partir de 1926), bem como "Trabalhos Femininos" e "Como Enfeitar Minha Casa e Jardim Fechado".

Já em relação ao quadro 1 é possível identificar que Como o/a autor/a consegue convencer o/a leitor/a de que aquilo que está dizendo é verossímil? Utilizando muitas vezes argumentos de autoridade, em que se apresentavam médicos, especialistas, para abordar determinados assuntos.

Que associações realiza para sutilmente, fazer o/a leitor/a criar imagens acerca da mulher, que de preferência, coincidam as suas próprias? É crucial reconhecer o papel das propagandas veiculadas na Revista Feminina, pois além de contribuírem para a sustentação financeira da publicação, também eram selecionadas com base nos valores e discursos promovidos pela revista. De acordo com a pesquisa realizada por Ana Soares e Neide Célia em 2014, durante o período de 1920 a 1922, aproximadamente 35% dos anúncios estavam relacionados à "modelagem do corpo". Vale destacar que a revista também mantinha sua própria empresa de produtos nessa categoria.

As propagandas veiculadas na Revista Feminina não apenas influenciavam as percepções de beleza das leitoras, mas também refletiam as tendências e pressões sociais daquele período. Além disso, a relação entre a revista e sua empresa de produtos relacionados à modelagem do corpo destaca como as publicações da época estavam diretamente envolvidas



na promoção e comercialização de produtos que atendiam aos padrões de beleza da época. Essa conexão entre propaganda, consumo e valores culturais é uma parte importante da história da revista e da influência que ela exercia sobre suas leitoras.

Que marcas tipográficas – usos de negrito, itálico, tipos e tamanhos de letras, cores – são escolhidas para produzir determinados sentidos? Uso de itálico em alguns trechos. Ex: "[...] nós, escritoras brasi^léiras, nos pozemos a dizer verdades f^ortes, ouvidas com respeito pelos representantes do sexo f^orte. E' que está mais que provado termos melenase idéas compridas. (OLIVEIRA, 1920, p. 22) Edição de Fevereiro.

Quem é o/a autor/a – pessoal e institucional – da obra analisada? É relevante observar que Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza) não assinou o texto da seção "Crônica do Mês" da Revista Feminina, exceto em dois casos específicos. Em janeiro de 1915, a autoria foi atribuída a Joaquim Feijó, e em abril de 1917, quem assinou o texto foi a "colaboradora" Jesuína de Barros. Essas exceções na autoria podem ter ocorrido devido a razões particulares ou circunstâncias especiais relacionadas à produção da revista. É importante considerar esses detalhes ao analisar a autoria dos textos e as contribuições individuais para a publicação. Marinette desempenhou um papel crucial na seção dedicada à moda na Revista Feminina. Ela era responsável por apresentar as tendências e informações mais recentes sobre moda às leitoras. Oferecia conselhos de estilo, detalhes sobre as tendências da temporada e sugestões sobre como as leitoras poderiam incorporar essas tendências em seu próprio guarda-roupa. A seção de moda da revista era vital, pois orientava as leitoras sobre o que vestir, como manter um estilo elegante e como acompanhar as mudanças na moda da época. Além disso, estava intimamente relacionada à indústria da moda e aos negócios de roupas e acessórios, uma vez que a Revista Feminina frequentemente apresentava anúncios de empresas do setor. Em muitas circunstâncias é possível observar uma discrepância entre as orientações de Marinette e a defesa mais conservadora de Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza).

Há a presença de vários textos de Emma Drake, incluindo "O Que Uma Noiva Deve Saber", "O Que a Mulher Deve Saber", "O Que Uma Boa Dona de Casa Deve Saber". A "Dra. Emma Drake" que assinava os textos na Revista Feminina é muito provavelmente a Emma F. Angell Drake, uma médica e sufragista associada à Woman's Christian Union (WCTU). Suas obras, como "What a Young Wife Ought to Know" (O que uma jovem esposa deve saber), têm títulos que guardam semelhanças com os das seções da revista, como "O Que Uma Noiva Deve Saber", "O Que a Mulher Deve Saber" e "O Que Uma Boa Dona de Casa



Deve Saber". Isso sugere uma ligação significativa entre o trabalho de Emma Drake e o temas abordados na Revista Feminina.

Virgínia de Souza Salles era a autora da seção "Novos colaboradores" na Revista Feminina. Após o seu falecimento, sua filha Avelina assumiu o compromisso de dar continuidade ao trabalho na revista. É possível indicar a presença de outras autoras como Ana de Castro Osório, D. Andradina de Andrada e Oliveira, MARIA JUXUBIRA SCHMIDT, Laura Vaz, DELMINDA SILVEIRA.

Qual o lugar da tipografia/editora/gráfica que publicou naquele momento histórico? Essa integração entre a revista e a empresa provavelmente permitiu que a Revista Feminina tivesse recursos e apoio financeiro para continuar suas operações e manter um alto padrão de produção. Além disso, essa sinergia entre a publicação e os produtos comercializados pela Empresa Feminina Brasileira poderia ter fornecido uma plataforma eficaz para a promoção desses produtos entre as leitoras da revista.

Essa relação entre a revista e a empresa destaca como as publicações da época muitas vezes tinham conexões comerciais e estratégias de negócios para atender a um público específico e, ao mesmo tempo, influenciar as tendências e comportamentos das mulheres na sociedade daquele período.

Onde o impresso circulou? O impresso circulou inicialmente no estado de São Paulo e no Rio de Janeiro a partir de 1924.

6. CONCLUSÕES

6.1. Relevância e impacto do projeto para o desenvolvimento científico, tecnológico ou de inovação.

O primeiro evento que participamos foi a **II Mostra de Extensão da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais**, no dia 19 de abril de 2023, no qual apresentamos o pôster elaborado sob o título "Mulheres, educação e trabalho: uma análise da Revista Feminina (1914-1930)". Neste evento apresentamos o projeto para docentes e discentes da instituição. Foi uma oportunidade de contato com pessoas interessadas em pesquisa no campo da História da Educação. Assim como, o conhecimento de outras investigações na área educacional



Figura 1 - II Mostra de Extensão Fae UEMG



Fonte: produzido pelas próprias autoras.



Figura 2 - Pôster apresentado na II Mostra de Extensão Fae UEMG



Revista Feminina

A Revista Feminina foi o principal periódico do país, nos seus anos de produção, que era direcionado às mulheres e escrito por mulheres. Discutindo temas como "papel da esposa", "educação das crianças" ou "identidade feminina", dispõe-se a tratar de questões relativas ao papel social da mulher.

O presente projeto tem por objetivo pesquisar a relação entre as mulheres, a educação e os "mundos dos trabalhos", tendo por base a formação escolarizada (e não escolarizada) das mulheres trabalhadoras através da Revista Feminina (1914-1930). O recorte cronológico tem por objetivo avaliar as relações de trabalho em período anterior ao início da chamada Era Vargas, além de pensar a inserção da mulher no espaço público durante a Primeira República no Brasil. No que se refere à metodologia a proposta se articula em duas partes: a primeira, empírica e a segunda, analítica. A parte empírica consistirá na consulta, na transcrição das fontes documentais e na coleta de dados. Na segunda parte o trabalho será de sistematização e análise dos dados, bem como de redação do artigo e/ou de capítulo de livro e do relatório de atividades. Por fim, acreditamos, que esse estudo possa contribuir para um diálogo estimulante entre a História da Educação, a História Cultural e a História Social do trabalho, focalizando a educação e o trabalho feminino no contexto da Primeira República.



Daniela Oliveira Ramos dos Passos
(Coordenadora)

ddanipassos@gmail.com



Rayane Silva Guedes
(Bolsista)

rayanesguedes15@gmail.com



Pesquisa financiada pela FAPEMIG Edital N° 009/2022.

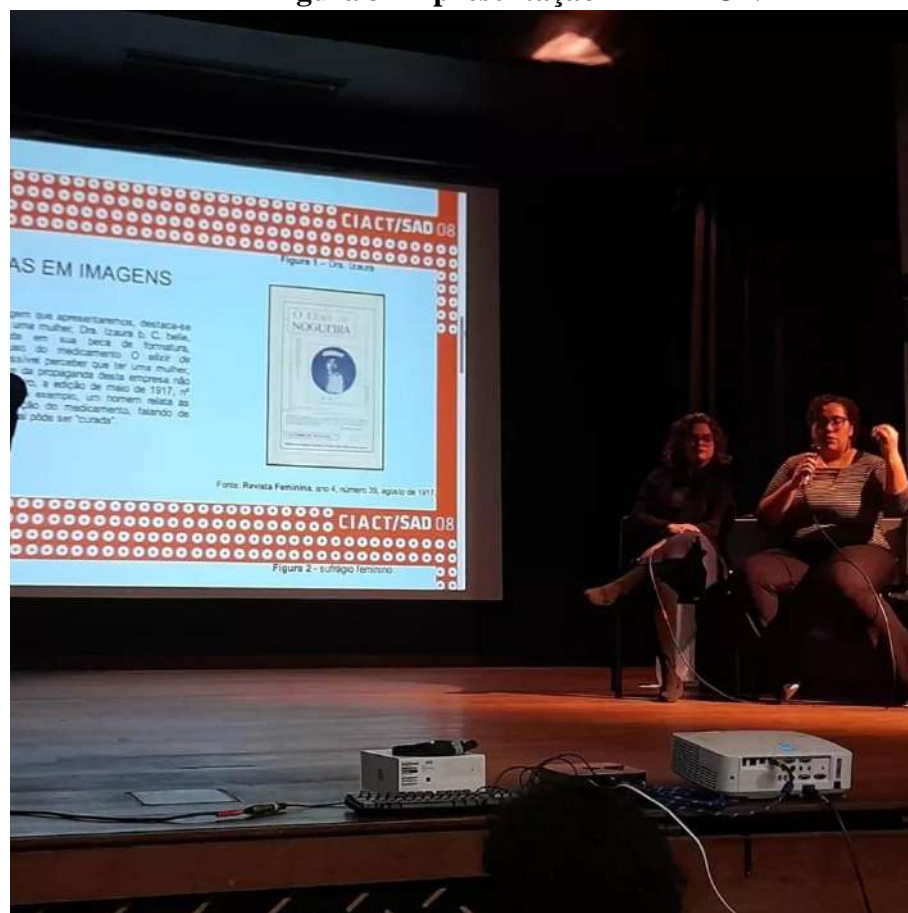
Fonte: produzido pelas próprias pesquisadoras.

Participamos do **CIACT/SAD 08 Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia 8º Seminário de Artes Digitais 2023**, no dia 30 de junho, de 10h45-12h30, no



Centro Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, GT 8 – Imagens de ruptura nas narrativas (presencial), Coordenação Paulo Roberto Barreto Caetano CAETANO (UNIMONTES), Sessão: “Sobre a imagem e análises de rupturas 1”, no GT foi feita a apresentação oral do projeto e no Caderno de Volumes¹⁰ consta o resumo do trabalho. Tal atividade foi organizada pelo Laboratório de Poéticas Fronteiriças (LABFRONT/UEMG/CNPq) e por um comitê composto pelas seguintes entidades: UEMG, CEFET-MG, UFSM e UFBA. Além disso, aguardamos a publicação dos Anais com o trabalho completo que escrevemos. O evento foi muito importante para a elaboração de algumas análises da pesquisa e para termos outras perspectivas de pesquisadores e pesquisadoras da área sobre a temática.

Figura 3 - Apresentação LABFRONT



Fonte: produzido pelas autoras.



Além disso, tivemos o retorno da aprovação do artigo elaborado com parte da análise da Revista Feminina pela **Acervo, Revista do Arquivo Nacional**, (Qualis A1). Em breve, aguardamos a publicação do texto que contribui para a divulgação da investigação desenvolvida. Essa é uma relevante revista da área educacional de amplo acesso que potencializa a divulgação científica.

Figura 4 - Carta de Aceite da Acervo - Revista do Arquivo Nacional

revista.acervo@an.gov.br
para Daniela, mim

seg., 11 de set., 14:20 (há 9 dias) ☆ ↶ ⋮

caras Daniela Oliveira Ramos dos Passos e Rayane Silva Guedes,

Temos o prazer de informar que o artigo "A Revista Feminina (1914-1930) em perspectiva: uma análise da História das Mulheres por meio dos arquivos" foi aprovado para publicação na *Acervo*, após a realização das mudanças indicadas pelos pareceristas.

Verifique abaixo as alterações propostas pelos avaliadores. O prazo para a entrega do texto final é de 15 (quinze) dias, portanto, até o dia 26 de setembro.

Para que o processo de avaliação seja mais transparente e ágil, solicitamos que as alterações realizadas sejam destacadas no próprio texto, no envio da segunda versão da submissão.

Opcionalmente, poderá ser enviada uma mensagem aos avaliadores e editores, apresentando as modificações realizadas e/ou a justificativa de eventuais alterações não aceitas.

Aproveitamos a oportunidade para sugerir que o artigo seja traduzido para o inglês. Sua publicação na língua inglesa permitiria ampliar a visibilidade da pesquisa.

O artigo tramará em português e somente após a etapa de edição de texto é que a tradução poderá ser providenciada pelos autores.

A tradução será avaliada pela revista. Caso aprovada, o artigo será publicado em português e inglês. Se a tradução não passar pela avaliação da revista, o artigo será publicado somente em português. Solicitamos manifestação caso haja interesse na tradução.

Aguardamos a confirmação de recebimento desta mensagem e da disponibilidade para entrega do artigo na data mencionada.

Atenciosamente,

Flora Lobosco e Marie Cristina Martins - editoria executiva
Renata William Santos do Vale - editoria científica

Fonte: digitalizado pelas próprias autoras.

Também, fomos aprovadas para participar da **Feira Mineira de Iniciação Científica**, que ocorrerá nos dias 11 a 25 de novembro, organizada pela Associação Mineira de Pesquisa e Iniciação Científica (AMPIC). Consideramos um espaço importante de divulgação científica e compartilhamento de pesquisas, do qual faz parte esse relatório.

Por fim, participamos da **IV Jornada de História e Gênero - Colher os frutos, permanecer plantando: feminismos como propostas de mundo**, organizada pelo GT Estudos de Gênero Anpuh/RJ, que ocorreu entre os dias 02 e 06 de outubro. Nesta jornada coordenamos o Simpósio Temático 15 "A escrevivência como resistência coletiva: impactos da escrita das mulheres".

6.2 considerações finais

Desenvolver pesquisas no campo que envolve a História das Mulheres não é uma tarefa fácil, considerando o acesso às fontes, muitas vezes o anonimato ou a falta de informação sobre as autoras. Esta pesquisa não fugiu a essa questão, especialmente no que se

trata de descobrir quem de fato eram as autoras dos artigos da Revista Feminina. Por isso, a revisão de literatura foi fundamental para compreender o papel histórico do impresso e o contexto de sua produção.

Levando em consideração as condições de desenvolvimento da investigação, aponta-se o grande envolvimento que tivemos nos eventos da área educacional e empenho na produção do artigo para a Revista Acervo. Fato que demonstra a relevância da problemática e a potência que é pesquisar a escrita feminina. Institucionalmente, acredito que houve uma grande repercussão e os produtos poderão ter grande alcance nos círculos acadêmicos da instituição.

REFERÊNCIAS

- BUITONI, Dulcília. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- CASSOLI, Marileide Lázara. *A construção da liberdade: vivências da escravidão e do pós-abolição*. Mariana, 1871-1920. Tese (Doutorado em História Social da Cultura). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- DRAKE, Emma. O que uma noiva deve saber. *Revista Feminina*, São Paulo, ano II, número 13, jun. 1915, p.20.
- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 10ªed. 2017, p.510-553.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da educação e história cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive & FONSECA, Thais Nivia de Lima e. (Orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 49-75.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. MELO, Juliana Ferreira de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: *Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas*. Org. Cynthia Greive Veiga, Marcus Aurélio Taborda de Oliveira. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p.223-259.
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa Feminina, Revista Feminina: A Imprensa Feminina no Brasil. São Paulo. Projeto História, n.35, p.221 – 240, dez.2007. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2219/1320>
- LÔBO, Yolanda. *Bertha Lutz*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.148p. (Coleção Educadores).
- MALHEIROS, Anna Rita. Novembro. *Revista Feminina*, ano II, nov. 1915, p. 5.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. *Vozes Femininas: um estudo sobre a Revista Feminina e a luta pelo direito ao voto, ao trabalho e à instrução*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

OLIVEIRA, Andradina de Andrade e. *Revista Feminina*, ano VII, fev. 1920, p. 22.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2ª ed. 2017

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003 (Coleção História do Povo Brasileiro).

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; BARROS, Neide Célia Ferreira. As propagandas da Revista Feminina (1914-1936): a invenção da beleza. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.7, n.1, jan./jun. 2014, p. 106-120. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/14655>.

Acesso em: 18 de mar. 2023.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. In: *Cadernos Pagu* (3), 1994. p. 29-62.

Levantamento Documental: Fonte

Revista Feminina (São Paulo – SP).

Dezembro de 1914

Abril a Dezembro de 1915

Janeiro a Dezembro de 1916

Janeiro, Março a Dezembro de 1917 Janeiro a Dezembro de 1918

Janeiro a Dezembro de 1919

Janeiro de 1920 a Março de 1930

Acervos da Revista Feminina Disponíveis em:

ARQUIVO ESTADUAL DE SÃO PAULO. Online. Disponível em

https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/jornais_revista

[a](https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/jornais_revista)
[s](https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/jornais_revista). Acesso em: 20 de set. 2023.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO. Online.

<https://www2.unesp.br/portal#!/cgb/>. Acesso em: 20 de set. 2023.

HEMEROTECA DIGITAL. Online. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 20 de set. 2023.